

## **Gênero, exceção e violência: um estudo de caso de O mundo se despedaça, de Chinua Achebe**

**Mike da Costa Tavares**

Universidade Federal de São João del-Rei

Graduado em Comunicação Social – jornalismo

tavares.mike94@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho estabelece uma tentativa de apontamentos críticos com base nos estudos de gênero, feminismo e estado de exceção, a partir da obra literária “O mundo se despedaça”, de Chinua Achebe. Trata-se de um estudo ensaístico, em que a discussão que se pretende trazer toma como base a violência e as estruturas de poder que sustentam o patriarcado e são responsáveis pela manutenção das desigualdades que perpassam gerações, de modo naturalizado e intrínseco no seio social. O real e a ficção se encontram nesse caminho, e a desconstrução de estereótipos de gênero se mostra assunto emergente.

**Palavras-chave:** Exceção. Violência. Gênero. Desigualdade.

### **Introdução**

“O mundo se despedaça”, de Chinua Achebe, publicado em 1958, narra a história do povoado de Umuófia, no sudoeste da Nigéria, durante o período pré-colonial e sua transição para o regime colonialista, por volta do século XIX. O romance é apresentado sob a ótica do personagem principal Okonkwo, transitando em lugares de conflitos de gênero, raça e religiosidade, que se desenrolam juntamente com a chegada do europeu.

No primeiro capítulo o autor apresenta a comunidade de Umuófia e introduz personagens que permitem compreender os costumes e tradições dos povos *ibos* - grupo étnico originário daquela região do sudoeste nigeriano. No segundo capítulo, os personagens já introduzidos se encontram em conflitos morais e culturais entre si e entre o homem branco colonizador, trazendo consigo a instauração do cristianismo e a perseguição às crenças locais.

No terceiro e último capítulo as relações entre os populares e a religião cristã se mostram mais enraizadas no seio da sociedade de Umuófia e a resistência à cultura estrangeira começa a ser a discussão mais importante na comunidade. Contudo, o poderio do homem branco cresce a ponto de subjugar toda a comunidade. A fé cristã se apresenta inabalável: o discurso da culpa, a propagação da intolerância e a suposta salvação dos convertidos eram

pregados paulatinamente. Diante da degradação moral e cultural imposta pelo colonizador, o personagem principal se suicida.

No contexto narrativo da degradação da sociedade tradicional *ibo* que se desenrola na escrita de Achebe, tomando como ponto de partida a figura de Okonkwo, observamos paralelamente uma narrativa de personagens femininos que se estabelece em segundo plano, construída frequentemente sob a imposição de papéis sociais referentes ao gênero e à violência.

A perspectiva de gênero é crucial para compreender a diferença entre o sexo biológico e as atribuições sociais implicadas sobre os corpos classificados como masculinos ou femininos. Assim sendo, quando uma criança nasce, recebe dos familiares a atribuição de menino ou menina, com base no seu órgão genital. Todavia, o sexo biológico não determina que essa criança se identifique com o gênero que lhe foi designado no momento do nascimento.

Outra questão é a manutenção de papéis sociais tomados a partir do enquadramento do gênero, que se fundam, por exemplo, em pensamentos arcaicos como: “isso é serviço de homem” ou “isso é coisa de mulher”. Os estudos de gênero desafiam as estruturas de poder que mantêm regimes de desigualdades em todo o mundo e que se mantêm por meio de instituições como a família, o Estado e a igreja, por exemplo.

Considerando a teoria universal do direito que propõem que todos os sujeitos são iguais perante a lei, problematizamos que se há um tratamento diferente para aquele designado homem ou aquela designada mulher, entendemos que essa diferença deve ser vista sob a ótica agambeniana da exceção - compreendida como aquilo que foge à norma.

De acordo com Agamben (2004) a exceção é o paradigma de governo que opera dentro dos estados modernos, estando consolidado nos regimes atuais, se apresentando como “a forma legal daquilo que não pode ter forma legal” (p. 12). Assim, se há um conceito universal que define que todos são iguais, entendemos que deveria haver o respeito mútuo entre aqueles que se reconhecem ou são classificados enquanto homens e aquelas que se reconhecem ou são enquadradas como mulheres, evitando, dessa forma, a constante guerra particular entre esses dois pólos.

Percebemos que a estereotipização sociocultural na obra de Achebe estimula as desigualdades de gênero, produzindo um lugar de exclusão dentro da comunidade *ibo* reservado às mulheres, cujos corpos nascem condicionados à exceção e sobre o qual a violência é naturalizada, bem como se vê a romantização das relações amorosas violentas, perpetuando situações de abuso.

Okonkwo, casado com três mulheres (Ekwefi, Anasi e Ojiugo), muitas vezes se mostra um marido violento, com ataques de fúria que despertam no leitor similaridades entre o mundo real e a ficção. Partindo dessa observação, procuramos entender em que situações os corpos femininos assumem a fala e como ou quando se fazem ouvir.

Este artigo aborda especificamente os episódios de violência doméstica sofridos pelas esposas de Okonkwo e aponta que a manutenção de estruturas como o patriarcado contribuem para esses comportamentos violentos. Compreendemos que os problemas de gênero também designam num todo a prática da exceção. Aquele ou aquela que, por convenções sociais, não é comumente aceito ou aceita, que transgride as regras, será sempre colocado de lado das discussões sociais e das tomadas de decisões. As esposas de Okonkwo são, então, o exemplo da barbárie imposta sobre o corpo feminino na sociedade de Umuófia e subsistem num lugar imposto pela figura masculina dos parceiros ou familiares.

A reflexão sobre a violência contra a mulher exposta em “O mundo se despedaça” se faz necessária uma vez que o problema em questão é recorrente no Brasil e no mundo, não sendo restrito à obra literária em questão. Portanto, não há necessariamente uma ligação entre determinados graus de desenvolvimento cultural ou tecnológico e a violência. Ela existe e é do próprio indivíduo e de sua relação com o meio em que vive.

De acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025), em 2024, as mulheres negras foram as mais atingidas pelo feminicídio, na faixa etária entre 18 e 44 anos, sendo a maioria morta dentro da própria residência. Além disso o relatório aponta que:

Os dados de 2024, isto é, de quase uma década após a entrada em vigor da lei do feminicídio, seguem chocantes: no último ano, todos os dias, ao menos quatro mulheres morreram vítimas de feminicídio no Brasil. No total do ano, foram 1.492 mulheres. É o maior número já observado desde 2015, quando a lei entrou em vigor. Ainda assim, é possível que o número de mulheres mortas por razões de gênero seja ainda maior do que indicam essas estatísticas, já que a literatura tem enfatizado que parte das mortes com características de feminicídio fica fora das estatísticas, em grande parte devido à caracterização que os profissionais do sistema de justiça dão a este evento. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025, p. 147)

Outro relatório, o *Global Estimates of Intimate Partner/family Member Femicides*, publicado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (2025), indicou que embora as maiores taxas de homicídio no mundo atinjam vítimas masculinas, a maior incidência de letalidade da violência dentro do lar atinge as mulheres, sendo que 60% das vítimas de feminicídio em 2024 foram assassinadas por seu parceiro ou membro familiar. O relatório ainda

estimou que, mesmo homens e mulheres estando propensos a sofrerem violência na esfera familiar, a desproporção é enorme: apenas 11% das mortes em 2024 foram atribuídas a parceiros íntimos ou membros da família. O continente africano é a região do mundo com maior concentração de feminicídio, com aproximadamente 22.600 vítimas por parceiro ou membro familiar. Além disso, em relação ao tamanho da população feminina, a África segue liderando os dados mundiais de assassinato. Para cada 100 mil mulheres, 3 foram mortas em 2024 por parceiros ou familiares.

O modelo de sociedade apresentado na narrativa de Achebe (1958) denota um universo machista e patriarcal centrado nas disparidades de gênero. O papel feminino é descrito nas tarefas do lar, na colheita e nos cuidados com a família. Já o papel masculino é determinado por posições de prestígio como o de defesa da comunidade, a posse de propriedades e influências políticas e religiosas.

Pretendemos com este trabalho refletir de modo geral a aplicabilidade do termo exceção, a partir da problemática da violência contra a mulher, dentro da narrativa de “O mundo se despedaça”, de Chinua Achebe (1958). Considerando o impacto da obra no cenário literário nigeriano e africano, buscamos destacar a importância do presente objeto de estudo no que tange ao resgate das memórias ancestrais dos povos *ibos* e, por fim, pretendemos apresentar uma revisão teórica que permita fomentar o pensamento crítico quanto aos processos de dominação do imperialismo europeu.

Destacamos ainda a importância do livro de Achebe dentro do contexto histórico de sua publicação: “O mundo se despedaça” foi lançado no Reino Unido, dois anos antes da independência da Nigéria, que era colônia britânica. Publicado originalmente em inglês, com o título original *Things fall apart*, o romance considerado um marco para a literatura nigeriana moderna dividiu o cenário literário que, de um lado, destacava a relevância da narrativa dentro do contexto pré/pós-colonial e, de outro, criticava a escrita de Achebe na língua do colonizador como uma forma de submissão à metrópole.

Diante disso, Cândido (2003, p. 144) aponta que em casos como o de Achebe, de língua inglesa, assim como Leopold Sedar Senghor, de língua francesa, os escritores “se amarram, ou aos públicos metropolitanos, distantes em todos os sentidos, ou a um público local incrivelmente reduzido”. Mas, conforme Mortari e Gabilan (2017, p. 68), no caso de Achebe “não houve a escolha entre a língua inglesa ou sua língua nativa, mas que entre uma ou outra ele sempre considerou ambas, o inglês e sua língua materna *igbo*”.

Desse modo, ressaltamos a relevância da literatura de Achebe enquanto material de análise, permitindo, portanto, a partir de uma leitura em perspectiva decolonial, entender as lacunas que permeiam a (re)construção dos sujeitos subalternizados historicamente e o uso da linguagem como ferramenta para a construção de uma contranarrativa frente ao relato hegemônico do colonizador.

Percebemos o romance de Achebe como importante documento para a compreensão histórica, permitindo analisar as sociedades tradicionais, com suas falhas estruturais que denotam a existência de problemas antigos que permanecem na contemporaneidade, como a violência de gênero, o que indica, dessa maneira, que os povos inferiorizados também promovem movimentos de repressão e exclusão que determinam situações de exceção e violência, incidindo historicamente e cotidianamente sobre os corpos vulnerabilizados, como acontece com as mulheres *ibos*.

Este artigo tem caráter qualitativo, com revisão documental e bibliográfica. Tomamos como referência para a discussão teórica os postulados de Vergès (2020), Butler (2003), Lamas (1986) e Oyewumi (2021), no que concerne ao gênero e ao feminismo. Quanto à perspectiva pós-colonial, recorreremos à Spivak (2010) e, para discutir a aplicabilidade do termo exceção nas relações de poder, buscamos os postulados de Agamben (2004), Mbembe (2016) e Foucault (2008).

### **Gênero e poder**

A noção foucaultiana de poder se apresenta como uma estrutura universalista cuja compreensão teórica permite analisar desde sociedades antigas até as mais recentes sociedades da contemporaneidade. O poder, entendido como aquilo que se exerce de forma multilinear, se aplica de múltiplas formas e é inerente a todas as relações entre os indivíduos, grupos e instituições, coincidindo com o que o Foucault (2008) chama de regime de verdade.

Os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 2008, p. 12)

Assim, se as determinações sobre o gênero definem o modo como os indivíduos devem agir dentro de determinada sociedade, isso acontece porque há um consenso social que

define tais mecanismos como verdadeiros. O presente objeto de estudo a que este artigo se dedica nos coloca o desafio de vislumbrar essas estruturas de poder em uma sociedade pré-colonial nigeriana, com suas mudanças para o regime colonial.

O poder, sendo um sistema de forças, não suprime as características da comunidade de Umuófia, nem a coloca em lugar de inferioridade ou superioridade em relação a outros grupos populacionais. Ele representa um conjunto de estruturas que permitem compreender como se organiza a vida e as relações sociais dentro daquela comunidade.

Percebemos, assim, que na narrativa de “O mundo se despedaça” o gênero exerce papel determinante na classificação dos sujeitos. Temos no romance de Achebe duas divisões narrativas possíveis: de um lado, os corpos desejados: aqueles que se identificam com o masculino e que respondem aos estereótipos de virilidade da sociedade *ibo*. Já do outro oposto, os corpos indesejados (porém necessários): aqueles identificados pelo feminino. A estrutura de poder que determina a distribuição desigual dos direitos vem da crença nessa binaridade masculino/feminino, sobre a qual discursa Judith Butler:

O poder parecia ser mais do que uma permuta entre sujeitos ou uma relação de inversão constante entre um sujeito e um Outro; na verdade, o poder parecia operar na própria produção dessa estrutura binária em que se pensa o conceito de gênero. Perguntei-me então: que configuração de poder constrói o sujeito e o Outro, essa relação binária entre “homens” e “mulheres”, e a estabilidade interna desses termos? Que restrição estaria operando aqui? Seriam esses termos não-problemáticos apenas na medida em que se conformam a uma matriz heterossexual para a conceituação do gênero e do desejo? (Butler, 2003, p. 8)

Ao detalhar as tensões que perpassam as zonas fronteiriças entre masculino e feminino, Achebe (1958) traz a violência como ferramenta de opressão e domínio dos corpos, evidenciando a existência de um lugar definido essencialmente para o feminino dentro da sociedade *ibo* e cuja validação é dada pela imposição da diferença dos papéis sociais. Ao ultrapassar os limites que separam mulheres e homens, a violência é o discurso e o principal dispositivo que coloca suas vítimas de volta em suas posições de servidão e passividade dentro do povoado de Umuófia.

Entendemos desse ponto que as mulheres, na narrativa do presente objeto de estudo, vivem em constante estado de exceção acionado pela política machista e patriarcal, uma vez que, partindo da suposição de que existem direitos fundamentais em uma determinada sociedade, nessa em questão os direitos fundamentais não se aplicam ao feminino e a garantia de que possam gozar de alguma liberdade é condicionada ao poderio masculino.

O estado de exceção é, nesse sentido, a abertura de um espaço em que aplicação e norma mostram sua separação e em que uma pura força-de-lei realiza (isto é, aplica desapplicando) uma norma cuja aplicação foi suspensa. Desse modo, a união impossível entre norma e realidade, e a consequente constituição no âmbito da norma, é operada sob a forma da exceção, isto é, pelo pressuposto de sua relação. Isso significa que, para aplicar uma norma, é necessário, em última análise, suspender sua aplicação, produzir uma exceção (Agamben, 2004, p. 63).

Conforme o trecho acima, na divisão social *ibo*, apresentada por meio da narrativa de Achebe (1983) a distribuição das funções masculinas e femininas definem a aplicabilidade ou não de normas e convenções socialmente aceitas. Se as mulheres são colocadas em determinados espaços, sua inclusão se dá mediante a prática da exceção. Ou seja, diante dos espaços privados o sujeito feminino é requisitado, mas nas funções públicas ele é excluído ou desconsiderado. Esse padrão de comportamento demonstra que, para além da ficção, as raízes dos problemas de gênero se encontram profundamente enraizados em tradições arcaicas, daí as dificuldades em superar suas discrepâncias (Lamas, 1986)

### **Poder e patriarcado**

A pensadora Françoise Vergès discute sobre o poder patriarcal e a necessidade de controle dos corpos femininos. Para a autora, os patriarcas mais velhos querem que “suas esposas permaneçam em silêncio sob suas ordens, que seus filhos se tornem patriarcas e que as outras mulheres, as mulheres racializadas, continuem sendo as domésticas e os objetos sexuais a serviço de seu mundo” (Vergès, 2020, p. 96).

Do ponto de vista da tradição, percebemos na narrativa de Achebe a necessidade da manutenção de estereótipos de masculinidade entre os habitantes da região *ibo*, prevalecendo situações de dominação do masculino sobre o feminino. Achebe torna claro isso em um trecho em que o personagem Okonkwo se mostrava feliz ao ver o filho tratando de modo rude as mulheres.

Isso era sinal de que, futuramente, o filho seria capaz de controlar suas esposas, pois, por maior que fosse a prosperidade de um homem, se ele não demonstrasse ser capaz de dominar suas mulheres e seus filhos (principalmente suas mulheres), não era um homem de verdade (Achebe, 1983, p. 58).

O uso do termo racializada diz respeito aos corpos femininos que sofrem consequências diretas do racismo proveniente principalmente das práticas de colonização. Na obra de Achebe, a narrativa mostra o contato inicial com o colonizador, portanto a racialização ainda não havia sido pautada entre os habitantes da comunidade, no entanto, o racismo enquanto estrutura já se impunha por meio da crença da superioridade da raça branca em detrimento da cultura local *ibo*.

É importante considerar que ao abordarmos o patriarcado, esbarramos em modelos familiares já pré-definidos. No caso narrativo do objeto de estudo deste trabalho, estamos falando de um núcleo familiar não-monogâmico, que se distingue, por exemplo, da perspectiva ocidental que tem como modelo as relações monogâmicas, em famílias mononucleares (pai, mãe e filho, sobre o mesmo lar).

Oyewumi (2021), teórica nigeriana que se debruçou sobre o tema do gênero em sociedades Iorubás, indica a necessidade de um cuidado epistêmico em pautar questões do ocidente para analisar grupos tradicionais. Para ela, o termo “mulher” e a divisão biológica do sexo não se enquadram nas sociedades Iorubás, por exemplo, pois são termos originários de uma cultura europeia fundamentada em outros modelos tomados como verdade. Daí a importância de se pensar nos problemas da cultura *ibo* também com esse olhar não homogeneizador.

### **Violência e resistência**

Ao nos deparar com as situações de violência contra a mulher em “O mundo se despedaça”, de Achebe (1983), procuramos também buscar os mecanismos de resistência feminina ao abuso. De que modos essas mulheres vítimas de um marido violento puderam se defender ou se impor contra o poderio masculino na narrativa do romance?

Para responder essa pergunta, primeiro precisamos voltar à questão do sujeito subalternizado, proposta por Spivak (2010). Quando falamos das esposas de Okonkwo, então falamos de uma dupla subalternização na narrativa de Achebe: a subalternização do sujeito feminino diante do Outro, masculino; e a subalternização do sujeito feminino enquanto pertencente a um todo maior, a comunidade *ibo*, também inferiorizada a partir da perspectiva do Outro, o colonizador.

Esse modo em que as formas de dominação homem/mulher e colonizador/colonizado se evidenciam indicam que a repressão e a manutenção de regimes de



inferiorização é multilateral sendo também imbricações do poder. Umuófia, enquanto comunidade colonizada, também produz dentro de si outros regimes de subalternização que não possuem nenhuma relação direta com a chegada dos europeus, mas com seus próprios sistemas e códigos de organização social e familiar.

Se a mulher subalterna pode falar, as formas de reação feminina contra a violência de Okonkwo são reduzidas apenas pelos gritos de aflição e medo. A estrutura da sociedade de Umuófia limita o feminino dentro de lugares já previamente definidos como verdadeiros para aquela categoria, e o sujeito homem ideal é aquele que impõe sua masculinidade a qualquer custo.

No trecho abaixo temos uma das situações de agressividade de Okonkwo, que resultado em ataques físicos e psicológicos contra uma de suas esposas:

— Quem matou esta árvore? Ou será que vocês todos são surdos e mudos?  
Na realidade, a bananeira ainda estava mais do que viva. Simplesmente, a segunda mulher de Okonkwo havia cortado algumas folhas para embrulhar certos alimentos. E isso foi o que ela disse a Okonkwo. Ele, sem mais discussão, deu-lhe uma boa surra e deixou-as, a ela e à sua única filha, chorando. Nenhuma das outras esposas ousou interferir. Limitaram-se a ocasionais “Basta, Okonkwo!”, ditos com medo e em tom suplicante, ambas mantendo uma distância razoável (Achebe, 1983, p. 46)

Em outro episódio, Achebe narra:

Correu furioso para o quarto, à procura da arma. E, de volta, apontou a espingarda na direção da mulher, que tentava saltar por cima do murinho do celeiro. Apertou o gatilho e ouviu-se um estouro muito forte, acompanhado dos lamentos de suas mulheres e filhos. Jogou a arma no chão e pulou para dentro do celeiro, onde jazia a mulher, muito abalada e assustada, mas ilesa. Okonkwo deu um suspiro profundo e foi-se levando a arma (Achebe, 1983, p. 46).

Observamos nos dois parágrafos citados que as formas de reação à violência doméstica sofridas pela esposa de Okonkwo se definem apenas no poder ilusório da fala, pois não há na sociedade *ibo* nenhum aparato jurídico que as proteja. Salvo exceção nos casos em que a figura feminina está relacionada com alguma divindade, sendo dentro do universo do sagrado o único espaço em que a violência direta sob o corpo da mulher não é aplicada. Isso se dá pelo fato de que, ao transcender com o divino, a mulher *ibo* deixa de ser “mulher” para representar algo que é superior a qualquer um daqueles indivíduos.

Apenas em um trecho do romance é que se percebe uma tomada de consciência da violência contra a mulher, e ela passa por uma discussão entre entidades e a sociedade, em praça

pública. Nesse debate, os irmãos de uma moradora de Umuófia questionam um caso de agressão física:

Meu cunhado é um animal. Minha irmã morou com ele nove anos. Durante todo esse tempo, não se passou um dia sem que ele lhe desse uma surra. Tentamos várias vezes intervir nas brigas do casal e em cada uma dessas ocasiões Uzowulu era culpado (Achebe, 1983, p. 91).

Na tentativa de restabelecer sua relação com a esposa, o agressor refuta que pagou um preço pela mulher e que quer o dinheiro de volta. Aqui fica claro que a pauta não é a gravidade da violência e sim o recurso investido.

Vocês tomaram sua irmã de volta. Não fui eu quem a mandou embora. Vocês a levaram. A lei do grupo diz que vocês têm de me devolver o equivalente ao preço que paguei por ela. Mas meus cunhados declararam que nada tinham a me dizer. Por isso resolvi submeter o assunto aos pais da tribo (Achebe, 1983, p. 90).

### Considerações finais

O tema da violência é assunto bastante abordado na cultura *ibo*, e quando se refere ao gênero suas consequências se tornam ainda mais alarmantes. Ser violento é sinônimo de masculinidade, enquanto assumir as características do feminino sugerem fraqueza e exclusão. A única situação em que uma mulher não foi rebatida pela masculinidade tóxica da obra de Achebe foi o caso de uma sacerdotisa que recebia e falava por um de seus deuses. Um caso de exceção dentro do estado de exceção vigente: nesse aspecto a mulher se despe de seu papel feminino e assume a posição representativa da divindade.

Ao abordar o tema da exceção dentro da comunidade de Umuófia, temos a clara divisão binária entre o masculino e o feminino, respectivamente o opressor e o oprimido. Pensar o estado de exceção dentro desse lugar é concebível se o pensamento partir da premissa de que existem direitos fundamentais que deveriam ser respeitados e pautados, mas é necessário compreender que as sociedades tradicionais como no caso do presente objeto de estudo se centram em outros domínios sociais, cujos princípios podem divergir do conceito de igualdade e justiça que temos hoje.

Compreendemos as limitações do pensamento de Agamben (2004) para uma análise em profundidade do contexto da sociedade *ibo*, uma vez que esse autor aborda as culturas modernas que em geral impuseram a colonização sobre os povos considerados

selvagens. Desse modo, ressaltamos o risco de se utilizar teorias homogeneizadoras em questões que tocam em sociedades ancestrais como a comunidade de Umuófia.

“O mundo se despedaça” não descreve apenas a destruição de um povo e de um anti-herói, mas dá luz a um problema social antigo – a disparidade entre homens e mulheres, causada pela divisão baseada no sexo biológico de seus sujeitos. A definição dos papéis sociais divididos com base no sexo, bem como a manutenção de julgamentos estereotipados sobre os indivíduos fortalecem as desigualdades e facilitam o processo de naturalização da violência.

Em se tratando dos povos *ibos*, devemos, então, como aconselha Oyewumi (2021), buscar compreender que nem todas as definições teóricas ocidentais são viáveis para entender os modos de organização da vida e as problemáticas em sociedades que fogem ao modelo europeu.

Portanto, é preciso buscar compreender a complexidade do romance de Achebe (1983), primeiramente em termos de ficção: até que ponto a narrativa ficcional é fiel à história original dos grupos tradicionais *ibos*? Em segundo lugar, quanto das nossas teorias conceituais cabem verdadeiramente para uma análise em profundidade dos problemas de gênero apresentados pelo autor?

Compreendidas as dificuldades e limitações teóricas em investigar questões de gênero e política no presente objeto de ficção, consideramos importante destacar que produções literárias como a de Achebe (1983) contribuem para a compreensão do processo histórico e para a construção de uma sociedade menos desigual, possibilitando, assim, a existência de espaços onde a violência não mais seja um dispositivo de dominação e exclusão e que essa ideia, mesmo que parece utópica, possa ser almejada por outras pesquisas que se desafiem em adentrar nas intersecções entre a realidade e o texto ficcional.

## Referências

- ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Ática, 1983.
- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti, São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 17 de dezembro de 2025.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 26. ed. São Paulo: Edições Graal, 2008.
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução de Wanderson Nascimento. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.
- SILVA, Ilaunna Teles. A dualidade do masculino e feminino em O mundo se despedaça. In: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. 5. 2017. **Anais...** Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA16\\_ID1175\\_16072017133133.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA16_ID1175_16072017133133.pdf). Acesso em: 20 dez. 2021.
- VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.
- UNODC and UN Women, Femicides in 2024: **Global Estimates of Intimate Partner/Family Member Femicides** (United Nations publication, 2025). Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2025/11/femicides-in-2024-global-estimates-of-intimate-partner-family-member-femicides>. Acesso em: 17 de dezembro de 2025.

**Gender, exception and violence: a case study of  
The world falls apart, by Chinua Achebe**

**Abstract:** The present work establishes an attempt at critical notes based on studies of gender, feminism and the state of exception, based on the work *The world falls apart*, by Chinua Achebe. This is an essayistic study, in which the discussion that is intended to bring is based on violence and the power structures that sustain patriarchy and is responsible for the maintenance of inequalities that span generations, in a naturalized and intrinsic way within the social sphere. Real and fiction meet on this path and the deconstruction of gender stereotypes is an emerging issue.

**Keywords:** Exception. Violence. Gender. Inequality.

Recebido: 18 fevereiro 2025

Aprovado: 22 outubro 2025